

consumo de bens industriais. O mercado para a indústria brasileira é formado pelos restantes 10% da população. Mas eles não podem sustentar altas taxas de crescimento econômico. Inclusive porque entre esse grupo se verifica também um fenômeno de concentração de renda. A metade dessa parcela mais rica recebe de 1,5 a 2,5 salários mínimos. 40% têm renda de 2,5 a 8 salários. 10% do grupo, que correspondem a 1% da população total do país, auferem rendimentos de mais de 8 salários mínimos. A capacidade de consumir produtos industriais está, na verdade, concentrada em 5% do povo brasileiro, apenas, que absorvem quase 45% da renda nacional. Esse imenso poder de compra se traduz não num aumento quantitativo do consumo, mas num consumo cada vez mais sofisticado.¹⁰⁶ Nessa análise, que operava sobre dados de 1969, verifica-se como a primeira etapa de estruturação do chamado “modelo brasileiro de desenvolvimento” optara decididamente por determinada saída: a de altos índices calcados em produção altamente concentrada, visando um consumo também altamente concentrado, isto é, fundado numa faixa estreita e de alto poder aquisitivo.

Na segunda etapa, essa opção será definitivamente montada e levada às últimas conseqüências. Ela representa um dos traços característicos do chamado “modelo brasileiro de desenvolvimento”. Esse traço do “modelo” foi assim analisado: “Desse modo, a indústria brasileira caracteriza-se pela produção de bens supérfluos, que são a cada dia mais diversificados, para atender aos requintes de um pequeno mercado de privilegiados, que hoje pode escolher entre mais de 20 tipos de carros de passeio, alguns de alto luxo, pode optar entre 40 marcas diferentes de cigarros, escolher diferentes marcas de gravadores, geladeiras, televisores e vitrolas ou as mais variadas marcas de cerveja, inclusive enlatadas. Enquanto isso, a produção de bens de consumo popular é limitada e mesmo inacessível à maioria do povo, em razão do baixo poder aquisitivo do trabalhador brasileiro.”¹⁰⁷

Pesquisa realizada em 1970 assinalava as diferenças a que a concentração levava: metade da população ativa recebia 13,7% da renda total e, em contraste, 10% da população se apropriava de quase metade da renda total. Os economistas Rodolfo Hoffmann e João Carlos Duarte estabeleciam, naquela pesquisa, o perfil da

¹⁰⁶ Cyro Kurtz: “Um mau exemplo na América Latina”, in *Correio da Manhã*, Rio 31 de maio de 1970.

¹⁰⁷ “Problemas Nacionais. Política econômico-financeira”, Sindicato dos Empregados em Estabelecimentos Bancários do Rio de Janeiro (GB), Rio, 1972, p. 3.